



O mundo que aí vem

Dez anos do 11 de Setembro

Dez anos depois da maior expressão de ódio ao Ocidente ter desencadeado a duradoura guerra no Afeganistão, 2011 inicia o processo completo de transição de soberania para as autoridades afgãs, com termo em 2014. Uma década depois, a fonte terrorista afgã não se cou nem os alicerces que a poderiam acautelar se vislumbram. Provavelmente nunca os veremos. Mas se é certo que os EUA não sofreram outro choque interno como nessa terrível manhã, é também verdade que a próxima década reforce um olhar rigoroso para a bomba-relógio que é o Paquistão, a razão mais forte para manter a América na região.

Referendo no Sudão

Podemos assistir em 2011 ao nascimento de um novo país. A independência do já autónomo Sul do Sudão vai a votos e o resultado pode motivar reivindicações idênticas noutros países africanos (Marrocos, Nigéria, Costa do Marfim, Angola, Senegal, Somália). Infelizmente, o Sudão não é exemplo de nada positivo: miséria, fome, iliteracia, mortalidade infantil, criminalidade, ganância pelo petróleo (localizado maioritariamente no Sul), islamização radical. A independência pode congelar a conflitualidade, mas tende a iniciar outra no seu interior. As lideranças que se perfilam não são recomendáveis e os termos do acordo para a repartição das receitas petrolíferas estão por desenhar. Teme-se o pior.

Retorno das tropas americanas do Iraque

Não sendo a sua guerra, Barack Obama fará cumprir uma retirada que não deixará o Iraque em segurança. Os últimos ataques a comunidades cristãs e xiitas voltam a mostrar a fragilidade de um puzzle complexo, num país que é político e etnicamente uma realidade conflitual e que olha para o seu potencial económico (exploração petrolífera e investimento estrangeiro) como forma de apaziguar tensões. 2011 pode trazer exactamente o inverso: um vazio de segurança que afugentará investimento e trará para a arena os sectores que, não se podendo ver, querem comer o mesmo bolo. Rever o calendário de retirada era a posição mais sensata. Mesmo que politicamente insustentável.

França preside ao G8 e G20

Com uma popularidade em baixa desde que presidiu à UE em 2008, Sarkozy pode ter no plano económico internacional o palco de afirmação desejado até às presidenciais de 2012. Permite-lhe alimentar o depauperado ego francês, dando outra amplitude a Paris e entrar no domínio do seu possível adversário à esquerda, o actual presidente do FMI Dominique Strauss-Kahn (DSK): ajuda a antecipar a ginástica política de ambos e permitirá deslindar no interior do PS as verdadeiras condições de vitória de DSK.



Eições na Turquia, Polónia, Rússia, Egipto e Alemanha

A Turquia é o país europeu que mais cresce (seis por cento) e o que mais se aproxima do ritmo da China ou da Índia o que, após a vitória no referendo de 2010, será suficiente ao AKP de Erdogan para ganhar as terceiras legislativas consecutivas. Na Polónia, as reformas dos conservadores-liberais serão premiadas e Donald Tusk surgirá como o primeiro-ministro que mais tempo ocupa o cargo desde 1989. A Rússia Unida de Putin teria de dar

um tiro no pé por dia para existir uma singela hipótese de perder a esmagadora maioria na Duma. No Egipto, Mubarak parece hesitar na recandidatura ou na indicação de sucessor, mas o interesse reside em eventuais candidatos apoiados pela Irmandade Muçulmana, berço de ideólogos inspiradores do jihadismo e ilegalizada em 2005. Contudo, as eleições mais importantes serão as regionais alemãs (seis dos 16 Länder), num equilíbrio entre CDU-FDP e a esquerda (SPD e Verdes), sobretudo no Baden-Württemberg e Berlim. Novo teste para Merkel com influência nas decisões políticas europeias.

Made in China

Os 90 anos do Partido Comunista chinês e os dez da entrada na Organização Mundial de Comércio sublinham um ponto em comum para 2011: que transição política e económica está a China a traçar? As saídas do presidente Hu Jintao e do primeiro-ministro Wen Jiabao previstas para os dois próximos anos abrem espaço a uma elite educada nesta China emergente. Que riscos pretendem tomar na abertura do regime ou a que *statu quo* se agarrarão são duas questões a acompanhar. Por outro lado, os planos que creem na necessidade de dinamizar o mercado interno esfriando a dependência das exportações irá iniciar o seu caminho em 2011. É também esta China em transição que terá nas mãos a continuidade de desafios como o crescimento da Índia ou a insegurança provocada pela Coreia do Norte.

EUA: Campanha para as directas no GOP

Paralelamente à oposição a legislação com assinatura da Casa Branca, os republicanos entrarão numa longa corrida à escolha do seu ticket para as eleições de 2012. A heterogeneidade desta plataforma política servirá para percebermos as propostas das direitas americanas, o perfil que é valorizado nos diversos estados e que verbas suportarão os candidatos do Tea Party. A corrida pode restituir *momentum* ao GOP, mas também assustar independentes que podem ser recuperados por Obama. Nomes a acompanhar? Marco Rubio, Newt Gingrich, Bobby Jindal, Tim Pawlenty, Mitt Romney e, claro, Sarah Palin.

Bernardo Pires de Lima

Investigador do IPRI e colunista do DN